

O preço da reforma

JORNAL DE BRASÍLIA

EDUARDO BRITO

- 5 FEV 1995

Congresso

O Planalto assistiu à disputa entre Sarney, Simon e Íris na mesma disposição com que o brasileiro assistiria a uma final de Copa do Mundo entre Argentina e Uruguai: torcendo para que todos percam. Já que isso não é possível, o jeito é achar uma forma de convivência com o vencedor. Para o Governo, Sarney representa possivelmente a melhor das alternativas, devido à facilidade de diálogo.

“Não há problemas de comunicação com Sarney; resta saber se conseguiremos compatibilizar nossos interesses com os dele”, resumia um dos principais assessores políticos do presidente Fernando Henrique Cardoso, logo após a decisão da bancada do PMDB no Senado, favorável a Sarney. Em outras palavras, não há problemas de diálogo como não há problemas de doutrina, mas pode surgir um abismo em torno de projetos políticos futuros.

Os hábeis pronunciamentos de Sarney mostraram, nos dois dias seguintes, que o time de Fernando Henrique tinha razão. De pronto, o novo presidente do Senado exibiu ampla disposição para colaborar

com o Governo, fazendo a apologia da reforma constitucional e chegando a pormenores como a promessa de que não tomaria resoluções que impliquem aumento de despesas sem a sanção do Planalto.

Mostrando, porém, que não chegou lá por acaso, Sarney cuidou de embutir razoável dose de ambiguidade em seus pronunciamentos. Fez questão, por exemplo, de reafirmar em todas as oportunidades, a autonomia do Legislativo. Traduzindo, não haverá nada que se pareça com um alinhamento automático. Luís Eduardo Magalhães, em dimensão diferente, fez o mesmo.

O novo presidente do Senado terá muita gente a seu lado, como teve na eleição da bancada. As palavras duras trocadas no passado recente entre ele e Orestes Quêrcia viram-se superadas pela realidade. Partidários de Sarney e partidários de Quêrcia vêem-se hoje, talvez apesar de si próprios, como aliados objetivos. Formam, na verdade, um amplo arco de forças políticas que passa por Íris Rezende, Jáder Barbalho, Gilberto Mestrinho, extrapola o PMDB para abranger os pefelistas de Sarney e alcança fatias

ponderáveis do PPR, PP, PTB, PL e até PDT.

Quem puxa esse jogo, claro, é o PMDB. Até por deter nominalmente a maior bancada do Congresso. Sem ela, nada de revisão, nada de emendas à Constituição. E nela, nada de maioria para Fernando Henrique. Seus aliados para valer, aqueles que se sentem representados no Governo e se identificam com suas propostas, são, na verdade, minoria. Uns 30% ou 40%. Com sorte.

Não será Odacir Klein ou Nelson Jobim que reverterá esse quadro, até por uma questão de perfil. Sem falar que seus interlocutores seriam justamente os derrotados da semana que passou. Dando ao PMDB cargos como o que apenas expôs Cícero Lucena a brincadeiras, o Governo nada conseguirá do partido.

Nem dele, nem de outros. Ainda bem, para o Planalto, que vem por aí o preenchimento do segundo escalão, fonte certa de problemas mas também fonte possível de soluções.

■ Eduardo Brito é editor interino de Política